
A filosofia do conhecimento de Leonardo Coimbra

The Philosophy of Knowledge of Leonardo Coimbra

Samuel Dimas



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/966>

DOI: 10.4000/cultura.966

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Junho 2012

Paginação: 11-23

ISSN: 0870-4546

Referência eletrónica

Samuel Dimas, « A filosofia do conhecimento de Leonardo Coimbra », *Cultura* [Online], Vol. 29 | 2012, posto online no dia 30 outubro 2013, consultado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/966> ; DOI : 10.4000/cultura.966

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

A filosofia do conhecimento de Leonardo Coimbra

The Philosophy of Knowledge of Leonardo Coimbra

Samuel Dimas

1. A dialéctica intuitivo-racional do pensamento criacionista

- 1 Leonardo Coimbra define a filosofia como actividade de conhecimento e órgão da liberdade, como teoria e prática da experiência, que não se resume à análise da experiência científica, mas também à compreensão das experiências estética, ética, metafísica e religiosa¹. A filosofia do conhecimento de Leonardo Coimbra procura a unidade integral da realidade na pluralidade dos seus diferentes níveis de manifestação criadora e procura a relação entre a identidade da razão e a diversidade da experiência, a perenidade do Ser e a transitividade dos seres. A solução passará pela noção de *Razão Experimental* ou *Memória Inventiva*, que, na dinâmica da sua acção relacional, une o idêntico e o diverso, o que subsiste e o que transita².
- 2 A questão metafísica fundamental do criacionismo é a da relação entre o Uno e o múltiplo, o mesmo e o outro, o Ser e os seres, o Infinito e o finito, a imanente identidade e a imanente pluralidade³. A solução para resolver estas antinomias implica uma crítica do conhecimento que supere o materialismo e o formalismo absolutos e que recuse a perspectiva monista da fusão panteísta em nome de uma ontologia pluralista que salvguarde a fraternização teísta. Na consideração dialéctica dos diferentes níveis ontológicos da realidade e dos múltiplos níveis de experiência da consciência humana, Leonardo Coimbra vai procurar uma teoria do conhecimento que resolva a clássica oposição entre a única realidade da imobilidade do Ser, da escola de Parménides e de Zenão de Eleia, e a única realidade do movimento e do fluxo incessante da Natureza, da escola de Heraclito, ou seja, o problema da relação entre o inteligível e o sensível de Platão ou o númeno e o fenómeno de Kant.

- 3 Assim, a solução não será a posição monista de reduzir o real a um dos pólos destas antinomias, quer em termos gnosiológicos, com a redução da realidade à subjectividade da consciência ou à objectividade dos fenómenos independentes da consciência, quer em termos ontológicos, com a indiferenciação mítica entre a ordem espiritual eterna e a ordem natural da existência cósmica, com a recondução da realidade plural à diluição no Absoluto da infinitude ou com a redução do Universo à sua manifestação existencial e contingente. A solução passará pela afirmação da existência de um Deus eterno e criador, que, na unidade plural do seu Mistério pessoal de Amor, faz o acordo do real e do ideal, através da eterna acção criadora, através da graça da sua presença na iluminação da visão mística e através da redenção cósmica que se consumará na fraternidade universal da Glória celestial⁴.
- 4 Recusando as noções de *experiência pura* e *razão pura*, Leonardo Coimbra define a actividade pensante através da noção de *razão experimental*. Concebe a experiência, não como a passiva e imediata recepção das propriedades das coisas por parte de uma consciência cognoscente sensitiva ou intelectual, mas como a activa elaboração da intuição sensível num sistema de noções, em marcha dialéctica para um conhecimento cada vez mais aprofundado, recusando a subjectividade pura das teorias idealistas e a separação entre sujeito e objecto das teorias materialistas. Exigindo uma teoria integral do ser, o criacionismo leonardino propõe uma teoria da experiência pensante, que encerra um criativo exercício dialéctico intuitivo-racional, alimentado pelo convívio com o Mistério totalizante do ser originante. Na experiência da actividade sintética da consciência, que para além de pensamento é sentimento e vontade⁵, confluem de forma correlativa o momento indutivo e o momento dedutivo, constituindo-se nela o desenvolvimento progressivo do conhecimento construtivo e criador da realidade.
- 5 A *razão experimental*, dinâmica, livre e relativista, apresenta-se em oposição à razão monista da identidade pura de origem eleática e em oposição à razão silogística aristotélico-escolástica de carácter estático e abstracto; em oposição à razão apriorista kantiana e à razão fenomenológica husserliana, que impõem os valores e as formas da consciência à realidade apreendida, num processo tendente à univocidade do ser; em oposição à razão conceptual absolutista hegeliana, que, na sua dialéctica necessitarista e fechada de pensamentos já feitos⁶ e de coincidência entre o ser e o saber⁷, apresenta a absorção indiferenciada da pluralidade do real na unidade abstracta do Absoluto, esquecendo a experiência da inter-relação entre a acção individual e a acção social⁸.
- 6 Para o criacionismo leonardino, o pensamento humano é uma experiência dialéctica de livre e inventiva actividade criadora em cúmplice e originário convívio com o Ser que o excede: o pensamento está em radical interactividade judicativa com a realidade, não havendo cisão entre a ordem pré-tética do dado e a sua representação objectiva; o pensamento não é escravo do poder absoluto do Espírito que tudo determina e subjuga. A consciência não está fechada na transcendentalidade pura; a síntese criadora da experiência cognitiva está radicada na alteridade do real que assimila e apreende.
- 7 O formalismo e o empirismo apresentam-se, nesta perspectiva, como formas de *cousar* a realidade, impedindo a compreensão da sua dinâmica progressiva e criadora: o espaço e o tempo não podem ser admitidos como absolutos *a priori* de uma razão de identidade, como também não podem ser admitidos como *cousas* de uma experiência bruta, entendida como passiva recepção de objectos totalmente alheios ao sujeito⁹. O método criacionista concebe o acto cognitivo como um cúmplice convívio do pensamento com o Ser na unidade indivisível de intuição e razão, experiência e intelecção, emoção e vontade¹⁰. O

ideo-realismo criacionista recusa o idealismo absoluto da identidade entre a inteligência e o inteligido, no reconhecimento de que o Ser é mais vasto do que a realidade conhecida e pensada.

- 8 Esta noção de excesso do Ser é o fundamento do carácter progressivo e dinâmico do conhecimento humano, que se efectiva pela concreção das leis da Razão, as quais estão sujeitas a um evolutivo acordo social. Só pela harmonização entre a *razão* e a *experiência* será possível uma teoria integral do Ser sem cousar a realidade em nenhuma das suas experiências parcelares¹¹. A experiência não é a recepção passiva das sensações, mas é uma síntese informada que implica características formais e materiais, ou seja, a experiência é a vida do pensamento em progressivo crescimento, impulsionado pela atitude interrogativa¹². Leonardo Coimbra apresenta a razão como a actividade de pensar e conhecer de cada homem que realiza a síntese construtiva do real num incessante esforço adaptativo de contacto com a experiência do saber social adquirido (conservação das antecipações teóricas) e com a experiência actualizante das novas sínteses (resistências experimentais do diverso)¹³.
- 9 A realidade em que vivemos, pensamos e somos é uma realidade social, isto é, uma unidade de pluralidades, que resulta da relação entre o pensamento humano social e individual num movimento de permanente e vitoriosa adaptação¹⁴. O conhecimento criacionista dos objectos ou dos fenómenos não é inato nem se constitui à maneira da *anamnese* platónica, porque a síntese nocional da consciência implica a presença da alteridade e encerra a relação entre o conhecimento subjectivo e singular e o conhecimento intersubjectivo e universal. A existência formal dos objectos, na determinação categorial ou ideal dos fenómenos, também se fundamenta na realidade cultural da consciência social.
- 10 A objectividade do conhecimento encerra um carácter histórico-social de duplo acordo do sujeito consigo e com os outros, que, na perspectiva do autor, evolui da imóvel e absoluta *razão colectiva* das comunidades míticas primitivas para a dinâmica e relativista *razão individual* da sociedade científica moderna: a certeza deixou de ser apenas social e imperativa para passar a ser também individual e livre, isto é, *acordo* de harmonia e eleição. A organização política democrática é expressão desta nova realidade. O acordo acerca da certeza deixou de ser o dos imperativos sociais da lógica participação colectiva, para passar a ser o acordo resultante do pensamento desenvolvido por cada ciência dessacratizada. O método criacionista insere-se no desenvolvimento de um pensamento construtivo, que proporciona certezas e verdades, não de opacos poderes coercivos, mas de harmonia e liberdade.
- 11 O pensamento vive, não da imposição de uma tradição social, mas da relação entre a percepção individual e a percepção social, num movimento de atenção ao mundo e ao acordo comunitário¹⁵, que permite a comunicação do que se sente, deseja e pensa e que constitui uma acção duplamente co-criadora da unidade formal e real do objecto: a acção da consciência com o real e da consciência com as outras consciências. Os objectos não são meras unidades ideais de significação, reduzindo-se à interioridade da pura esfera transcendental da consciência pensante, mas encerram uma dimensão de exterioridade, porque são constituídos na correlatividade entre a imanência da síntese e a transcendência da realidade, no que expressa de excessivo em relação ao apreendido na interioridade dessa síntese judicativa intuitivo-racional. A actividade pensante encerra uma matricial relação de desproporcionalidade com o ser, pelo que a verdade é concebida como a demanda irrestrita do excesso do *pensamento pensante* sobre o *pensamento pensado*,

no reconhecimento de que só em Deus, Mistério pessoal de inteligência infinita, se dá a Identidade do Ser absoluto com o Pensamento.

- 12 No âmbito da metodologia criacionista acerca da construção e criação dialéctica do real e acerca da inadequação do pensar com o Ser, no movimento assintótico da razão para a verdade do Mistério, a experiência inteligente encerra uma tripla actividade: a) em *acto primeiro*, a inteligência possui a capacidade de um ver intuitivo que permite um contacto de imediata *assimilação e apreensão* do real (Alegria)¹⁶; b) em *acto segundo*, a inteligência implica, já não a unidade relacional originária entre o sujeito cognoscente e o objecto de conhecimento, na vivência pré-categorial da comunhão matricial¹⁷, mas sim uma relação segunda ou mediata, em que se opera um exercício discursivo de racionalização, interpretação e integração dos conteúdos intuitivos assimilados (Dor); c) por fim, em acto de síntese dos diferentes níveis de experiência humana – sensível, estética, científica, ética e metafísica –, cujo labor noético judicativo ascende relacionalmente da precariedade sensorio-perceptiva ao plano ideal das noções, as quais irão exigir a relação última da experiência religiosa e do *lirismo metafísico* na visão mistérica de Deus (Graça)¹⁸.
- 13 Tal como nos descreve o autor na sua obra *A Alegria, a Dor e a Graça*, na intemporalidade da radicação ontológica do pensamento no Mistério do Ser, este movimento do pensamento criacionista encerra uma dupla dimensão: cada um destes níveis de pensamento, no desenvolvimento individual e colectivo da consciência humana, encerra uma correspondência com os níveis de desenvolvimento redentor da cósmica e eterna acção criadora. A sensação matinal da alegria da Vida na imensidão deslumbrante do Infinito, que cada sujeito experimenta na aurora da sua existência e na principialidade do acto cognitivo, corresponde à Alegria da comunhão espiritual da Origem no seio de Deus. A sensação meridiana da dor no caminho interrogativo e consciente da actividade intelectual corresponde à vida que resultou da separação cósmica das criaturas dessa unidade espiritual originária, com a criação dos corpos e dos mundos materiais e contingentes. A sensação crepuscular da graça na liberdade ascensional da consciência da certeza sensível para a verdade espiritual da visão mistérica, corresponde à Graça do regresso ao coração glorioso do Ser, prefigurando na beleza e amor do mundo a perfeita e universal fraternidade do Paraíso celestial.

2. O conhecimento pré-categorial do ver intuitivo

- 14 No movimento do seu *acto primeiro* a actividade pensante faz a experiência atemática da sua radicação originária no Mistério do Ser, numa dimensão que está aquém e além do pensamento dianoético ou discursivo. A experiência ontológica é uma relação de convívio do pensamento com a realidade que vai da relação arquétipa da Alegria originária, em que o ser se dá intuitivamente, para a espiritual relação libertadora da Graça, em que o ser se dá contemplativamente. Num caso e noutro o ser surge ao pensamento envolvido em mistério.
- 15 No plano existencial, as sensações de movimento e de quantidade do Espaço sem fim são a imediata presença da plenitude do Ser (sentimento do Infinito)¹⁹, que se tornará consciente na mediação do exercício judicativo, o qual revelará a verdade da dimensão espiritual da realidade²⁰. A *razão criacionista* é uma razão que não se basta a si mesma e que tem como radical origem a experiência pré-categorial e atemática do Mistério, no qual e pelo qual o ser e a verdade, simultaneamente, se ocultam e revelam. Nesta abertura ao irracional de si mesma e ao valor gnóstico da sensação, da intuição, da memória, do

sentimento, da imaginação e da crença, a razão misteriosa criacionista reconhece a pluralidade da experiência humana nas suas formas sensível, científica, estética, ética e religiosa e delas permanentemente se nutre no dinamismo inventivo de novas noções e relações.

- 16 De acordo com o *ideo-realismo* criacionista de Leonardo Coimbra, razão e intuição não são antagónicas mas estão complicadas no itinerário da experiência ontológica, unindo numa só luz estes dois poderes com o objectivo de uma metafísica visão integral, que seja verdadeira e essencial²¹. A teoria da Experiência ou teoria do ser criacionista reconhece que o trabalho do raciocínio não pode tudo racionalizar, porque defronta no seu discurso um irracional intuitivo em constante excesso²², o qual garante o seu dinamismo e o vivifica, num trabalho incessante do raciocínio sobre a intuição inesgotável²³.
- 17 Para o criacionismo, a reflexão inicia-se na experiência antepredicativa do Ser: o dado inaugural não se encontra na razão, mas antecede-a. O primitivo sentimento de existência e o pensamento intelectual radicam, essencialmente, no plano ontológico mais profundo do Mistério ou da *Alegria* originária da *Unidade Maternal*²⁴. A reflexão filosófica tem início num dado que é o dado do começo originário, que, não sendo arbitrário, também não é uma ideia inata ou um conceito *a priori*, mas procede da única fonte de conhecimento que esse dado pode apresentar, isto é, a *Experiência*. A experiência do ser, não apenas na sua expressão fenoménica da pluralidade dos entes, mas na sua presença radical que configura a própria condição do raciocínio e que pressupõe uma primordial visão. Um ver que não é a intuição intelectual de Descartes e Espinosa, impossível na finitude da temporalidade, mas que é a intuição na luz inteligível da *visão ginástica*, reveladora da dependência de todos os seres no Mistério do Ser.

3. O conhecimento discursivo da *visão aginástica*

- 18 Na dinâmica consciente do *acto segundo*, encontra-se o olhar do pensamento na vida dramática da existência, naquilo a que Leonardo chama de visão *aginástica* ou *diurna*²⁵, pela qual as criaturas em exílio e penitência vivem a saudade da harmonia e identidade eterna, ou seja, vivem o saudoso desejo da integral unidade relacional da originária comunhão maternal. Através da mediação da razão discursiva, em esforço de racionalização e interpretação, a experiência pensante procurará a linguagem mais adequada para traduzir o que é visado pelo ver da intuição no contacto imediato com o real. Neste plano, a relação cognitiva entre o pensamento e o ser não é de atemático e sintético envolvimento, mas sim de discriminação e destrição judicativa através de uma tradução simbólica que implica a ascensão da precariedade sensorio-perceptiva à estabilidade ideal das noções.
- 19 Na intemporalidade criadora do Amor de Deus, pela participação na memória divina em que os seres são eternamente presentes, o pensamento começa por conhecer as noções mais simples da realidade físico-química, passando pelo conhecimento da realidade biopsicológica e ascendendo, depois, às realidades sociológica e espiritual, pelas noções superiores de infinito, liberdade moral e eterna criação. A realidade vai sendo criada por noções, que não resultam da mera associação de sensações ou da simples espontaneidade do espírito²⁶, mas resultam da progressiva e dinâmica racionalização das intuições imediatas, que se vai fazendo em cada domínio científico a partir das noções recebidas das outras ciências e das experiências anteriores²⁷. Todo o processo cognitivo envolve o juízo,

pelo que os conceitos e princípios que se dizem *a priori* são fruto da actividade ascendente do pensamento, isto é, são resultado do concurso de experiências judicativas anteriores.

- 20 Por um lado, criar é recordar, não as ideias inatas pré-corporais vindas de uma dimensão exterior distante e absurda, mas as noções resultantes da actividade pessoal judicativa (*memória inventiva*). Por outro lado, criar é construir, na dinâmica relação entre a integração do domínio conhecido das experiências realizadas e a abertura à novidade do domínio por conhecer das experiências a realizar (*razão experimental*). Os objectos não são criações absolutas da sensibilidade e do entendimento, mas são criações na forma como são apreendidos e representados pelo sujeito, na actividade sintética do juízo. Para o criacionismo o ser de qualquer objecto é uma síntese *ideo-real* entre as propriedades formais e lógicas do juízo e as qualidades da realidade que afloram à consciência. A criação do real, que significa a construção do mundo do conhecimento progressivo, realiza-se na correlação entre o acordo e a experiência, a memória e a invenção.
- 21 Para Leonardo Coimbra não há intuições puras: aquilo a que se chama intuição, numa ciência, é aquilo que é *recebido*, que é *dado* e que é racionalizado noutras ciências²⁸. E, por isso, a experiência não é a recepção passiva das propriedades de *cousas* feitas, mas é uma realidade dinâmica, cuja amplitude e qualidade resulta do nível de desenvolvimento cultural de determinada sociedade e do nível de desenvolvimento emocional e intelectual de cada membro dessa sociedade²⁹. Não há formas aprióricas ou prévias determinações lógicas a que o real esteja sujeito, porque as categorias da intuição sensível também têm a sua origem na acção judicativa do pensamento. Por outro lado, a realidade não pode ser reduzida a nenhuma das suas dimensões e experiências parcelares (*cousismo*). A realidade não é um espelho do conhecimento ou uma projecção da subjectividade da consciência, mas resulta de um convívio com o pensamento numa permanente e revisável experiência de acordo. A realidade, excessiva nas suas primitivas relações, apresenta-se na sua relação com o pensamento como sempre inacabada. Na interacção do sujeito com o objecto, o pensamento criacionista labora incessantemente na unidade da intuição com a razão e da indução com a dedução e, liberto de princípios necessitantes, inclina-se para o *ideo-realismo* crescente da harmonia integral³⁰. Neste sentido, a realidade apresenta-se como o próprio movimento criador do pensamento³¹ na unidade indissolúvel do conhecimento e da acção ou da ciência e da moral³².
- 22 Pela actividade judicativa o homem reconhece a dimensão espiritual do real e reconhece-se, não apenas como natureza que flui e matéria que transita, mas também como *memória* que o liberta desse fluxo e o resgata para a plenitude da eternidade originária³³. O contacto entre a realidade espiritual do monismo da razão e a realidade física do pluralismo da experiência dá-se na *razão experimental* pela actividade dinâmica conservativa e progressiva da memória e do juízo. Considerando que a *relação* não fica relegada para o plano do puro fluxo transitório e que a unidade encerra uma pluralidade que não é pura dispersão, Leonardo rejeita o monismo eleático, em que essa *relação* é absorvida pelo pensamento absoluto e a heterogeneidade do mundo é absorvida na unidade do Ser, e rejeita o ilusionismo kantiano, em que o mundo fenoménico se apresenta como ilusória aparência e em que a capacidade de conhecer se restringe a esse domínio da ilusão.
- 23 O criacionismo não aceitará uma cisão entre númeno e fenómeno ou Ser e aparência, porque considera que é precisamente nos seres que o Ser aparece ou se manifesta na sua eterna dinâmica criadora: tudo é Ser. Ao afirmar que «o Ser é Universo»³⁴, Leonardo Coimbra apresenta a sua ontologia pluralista, reconhecendo na aparência o valor de

realidade: os mundos materiais são uma manifestação simbólica dos mundos espirituais e o movimento redentor da evolução conduzirá à sua integral consumação social. Num ritmo de permanente esforço ampliativo de assimilação e adaptação em confronto problemático das antecipações lógicas do saber anterior com as representações do novo saber, a experiência da actividade pensante vai organizando a realidade na relação entre forma e matéria, informação e conteúdo³⁵. A complementaridade entre o processo indutivo e o dedutivo permite esta construção da realidade no equilíbrio entre a identidade e o diverso, o mesmo e o outro, no sentido da unidade social da pluralidade, que é a vida da relação entre o pensamento e o real³⁶, num trabalho de indução construtiva que tende para a integração sintética³⁷.

4. O conhecimento mistérico-poético da *visão ginástica*

- 24 Pela dialéctica da máxima racionalização, das noções inferiores de possível experimentação científica chega-se às metafísicas noções superiores da *vida* de acção voluntária e consciente, quer no plano das diferentes coordenações espirituais, a que o autor dá o nome de *volume espiritual*, quer no plano da fonte amorosa e infinita dessa coordenação, definido de *hipervolume espiritual*³⁸. A dialéctica intuitivo-racional do pensamento criacionista culmina no salto metafísico da dialéctica racional experimental para o abismo contemplativo do Mistério do ser, tendo no silêncio e na comunicação poética as suas formas de inesgotável manifestação. O pensar poético é a forma de traduzir o íntimo diálogo de meditação com o ser, acolhendo a nova luz que do alto ilumina os caminhos do já pensado e adquirido. A noção de *visão ginástica*, que descreve a máxima ascensão do pensamento ao cume da Vida, representa a conversão espiritual de uma razão, que une ao discurso lógico-analítico a visão poética, que apreende o ser de forma analógico-intuitiva³⁹. É o momento em que o pensamento se redescobre, pela Graça, na unidade amorosa da Origem onde sempre esteve radicado. Trata-se do regresso espiritual do pensamento ao saber intemporal da relação arquetípica, em que a visão que daí se desprende é mais mistérica do que enigmática e mais simbólica do que conceptual.
- 25 Pela Graça do espírito redentor Leonardo Coimbra admite a possibilidade de uma coincidência entre o ver contemplativo da *visão ginástica* e o pensamento atemático do ver intuitivo, anterior ao estado doloroso da discursividade, embora nos pareça, de acordo com a sua teoria da Criação redentora, que ainda e só na mediação prefiguradora da plenitude escatológica da vida eterna. O criacionismo vai defendendo a relação de desmesura entre o pensamento e a realidade incomensurável do Ser, pelo que o conhecimento perfeito e integral só será possível na Glória eterna da espiritualização universal, sendo que, ainda assim, isso não significará o desvendar do Mistério, pois este não tem carácter provisório, mas é a essência da eterna acção criadora de Deus em inesgotável excesso de Amor⁴⁰. A realidade transcendente que se manifesta na imediatidade da relação pré-categorial é conhecível de forma mediata e analógica pelas relações nocionais ou cognitivas, mas não se esgota nesse conhecimento. No entanto o transcendente não é pensado e concebido como limite do conhecimento, no sentido de *númeno* incognoscível, mas sim como *excesso* sobre o sistema de relações cognitivas. O pensar dirige-se para o absoluto, que não é inacessível e absurdo à razão, mas conhecível na imanência das relações criadas pelo pensamento como Mistério. A inadequação entre o pensar e o ser é representada pela noção de *excesso*: o ser que aparece e que se conhece

não é o ser tal como ele é *em si*. A actividade judicativa do pensamento que procura compreender (em acto segundo) é antecedida, envolvida e sucedida, pela transcendência inesgotável do ser.

- 26 O pensamento metafísico é o das noções últimas e superiores da fonte ideal da Vida. É a própria actividade progressiva do pensamento, que, no íntimo diálogo com o Ser, se apreende como eterna acção co-criadora⁴¹. A experiência ontológica significa um profundo diálogo meditativo com o ser⁴², que tem no seu momento último a conversão espiritual da inteligência (*visão ginástica*) da parcelar experiência científica para a unitária e integral *Experiência* de memória, beleza, verdade e amor. O sentido metafísico da *Experiência* apresenta a moral transcendente do teísmo como sentido último da Direcção que envolve a livre acção criadora e evolutiva do Universo. Neste plano, encontram-se a dialéctica filosófica e a dialéctica religiosa, que, através da *experiência* que resulta da íntima união da razão com a intuição⁴³ e com o sentimento, encontram na noção de Mistério a expressão última da realidade: Mistério que não é abismo de trevas, mas oceano de Luz e de fraternidade universal (amor, liberdade e criação) em que navegam as almas⁴⁴.
- 27 A consciência que se afirma no juízo e se liberta do fluxo na memória reconhece a dimensão espiritual (reflexão metafísica da *positividade filosófica*) – em que não apenas residem essas realidades, mas de onde dimanam o ideal artístico e o poder da acção moral – e vislumbra a possibilidade da Vida eterna no coração do Mistério: uma Vida que só no salto da Revelação e do lirismo metafísico pode ser dita e representada⁴⁵. Se o positivismo metafísico é racional e abrange todas as relações do coordenável do volume espiritual, contactando o volume físico da matéria, vida e memória⁴⁶, o lirismo metafísico é mistérico-racional e abrange a fonte mesma do coordenável, a qual é definida como actividade transcendente de amor e criação⁴⁷. A passagem do *volume espiritual* para este *hipervolume* já não é feita, da mesma maneira, pela sucessiva e ascendente construção dialéctica da síntese filosófica, mas exige um salto, que é um voo de confiança, em saudosa memória, no abismo do abraço divino, que se apresenta à consciência como irracional por excesso⁴⁸.
- 28 A história terrena da experiência consciente apresenta-se ao criacionismo como a imagem do esforço ético e religioso da vontade em atingir a eternidade. Para Leonardo Coimbra, o fundamento metafísico da *Experiência* reside na acção da livre vontade amorosa e no horizonte ideal da visão em Deus⁴⁹. O pensamento que advém desta vontade moral é activo e criador e, na procura da cósmica fraternidade e da absoluta harmonia, revela a sua essência divina, que é a de ser imortal na procura de cumprir a lei cósmica do Amor⁵⁰. Considerando que Mistério do Ser não é absolutamente obscuro e inacessível à inteligência e, por isso, não é uma força cega e arbitraria, a expressão *visão ginástica* também servirá para falar da Graça iluminadora que permite falar do Infinito de Deus⁵¹.
- 29 Mas, sendo de outra ordem, esta *visão ginástica* não pode ser contraposta ao carácter racional do pensamento, porque o criacionismo não admite que possa deixar de haver uma continuidade relacional entre os diferentes níveis de ser, sob pena de se perder a sua unidade inteligível e de se entregar o mundo à mercê do arbitrário e do absurdo. A subida ao cume da Vida e à vidência dos domínios infinitos do divino é o culminar da síntese dialéctica. Não se concretiza por imposição de uma revelação absolutamente externa à consciência, mas sim por exigência do próprio dinamismo racional, porque para o criacionismo a *visão ginástica* não é ainda o perfeito conhecimento em Deus ou «o conhecimento sob espécie *eterna* de Espinosa»⁵², pois este só é possível na visão beatífica

da vida eterna da absoluta liberdade espiritual do coração do Ser e não na vida temporal da realidade contingente⁵³.

- 30 Esta visão, sendo a visão da Presença pela luz da Graça, podendo recolher-se no silêncio do estado apofático, é ainda uma visão do pensamento que se oferece pela dinâmica mediadora da realidade simbólica. Para Leonardo Coimbra, a verdadeira revelação é aquela que pode ser justificada pelo pensamento, sendo que este não se reduz à razão lógico-analítica. Neste sentido, ciência, arte, moral, filosofia e religião são obras edificadas pelo pensamento da pessoa: «Só é real o que o pensamento justifica, construindo-o»⁵⁴. Explica Leonardo que no cume da ascensão dialéctica há uma zona comum aos dois Universos, o físico-espiritual e o espiritual puro, e é daí que as almas são atraídas para o Sol espiritual do Infinito Amor: o hipervolume espiritual é o Sol da Divindade que enche a realidade da sua Presença e que consiste no perfeito amor de companhia da Consciência-Deus com as consciências⁵⁵.
- 31 Na dinâmica harmonia do Universo tudo está orientado para a Vida infinita e transcendente da Caridade divina⁵⁶. Pela cooperação entre a liberdade humana (esforço e mérito) e a liberdade divina, a Vida é o caminho para o mundo espiritual da omnipresença perfeita do Amor de Deus, que se consuma no fim dos tempos, quando a matéria se incendiar no fogo da pura luz redentora⁵⁷. A salvação para a eterna Glória da absoluta Presença divina encerra um resgate universal, porque o *espírito de companhia* da evolução socorre o Universo de se perder no Nada e redime o homem da condenação eterna, mas isso não dispensa a conversão da inteligência e da vontade à luz da sua Sabedoria e do Seu Amor⁵⁸. Uma evolução que é concebida, não sob a forma determinista do naturalismo positivista, mas como o amoroso ritmo da consciência criadora de Deus⁵⁹.

NOTAS

1. Cf. *A Razão Experimental: Lógica e Metafísica*, Porto, Renascença Portuguesa, 1923, in *Obras Completas*, vol. V, tomo II, Lisboa, INCM, 2009, p. 58, [69]; 65 [78]. Passaremos a citar por RE e por OC. Seguiremos como referência a edição crítica da INCM e entre parêntesis apresentaremos a paginação das primeiras edições em vida do autor.
2. Cf. *O Pensamento Filosófico de Antero de Quental*, Porto, Editor J. Pereira da Silva, 1921, in OC, vol. IV, 2007, p. 422 [213-214]. Passaremos a citar por PFAQ.
3. Cf. *O Pensamento Criacionista*, Porto, Renascença Portuguesa, 1915, in OC, vol. II., 2005, p. 280 [193]. Passaremos a citar por PC.
4. Cf. RE, p. 290 [382-383].
5. Cf. *O Criacionismo: Esboço dum sistema filosófico*, Porto, Renascença Portuguesa, 1912, in OC, vol. I, tomo II, 2004, p. 212 [169]. Passaremos a citar por C.
6. Cf. C, p. 297 [241].
7. Cf. PFAQ, p. 378 [105].
8. Cf. «A insubsistência dos valores germânicos», in OC, vol. III, 2006, p. 214.
9. Cf. RE, p. 233 [306-307].
10. Cf. C, p. 212 [169].

11. Cf. *A Luta pela Imortalidade*, Porto, Renascença Portuguesa, 1918, in *OC*, vol. III, 2006, p. 251 [18]. Passaremos a citar por *LI*.
12. Cf. *ibidem*, p. 256 [25].
13. Cf. «O problema da indução», in *OC*, vol. IV, p. 170.
14. Cf. *ibidem*, p. 177.
15. *Ibidem*, p. 172.
16. Cf. *O Homem às Mãos com o Destino*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1950 (separata da *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, VI, 1 [1950]), in *Obras Completas de Leonardo Coimbra*, IX, Porto, Livraria Tavares Martins, 1964, p. 207. Passaremos a citar por *HMD* e por *OCLC*.
17. Cf. *A Alegria, a Dor e a Graça*, Porto, Renascença Portuguesa, 1916, in *OC*, vol. III, 2006, p. 45 [10]. Passaremos a citar por *ADG*.
18. Cf. *RE*, p. 285 [376].
19. Cf. *ADG*, pp. 168-169 [208-210].
20. Cf. *RE*, p. 281 [371-372].
21. *C*, pp. 279-280 [226].
22. «A acção racionalizante é contínua e persistente, é impossível separar a intuição da racionalização» (*ibidem*, p. 79 [59]).
23. *Ibidem*, p. 86 [64].
24. Cf. *ADG*, p. 47 [12].
25. Cf. *S. Francisco de Assis: Visão Franciscana da Vida*, Porto, Maranus, 1927, in *OCLC IX*, p. 126. Passaremos a citar por *VFV*.
26. Cf. *C*, p. 19 [5].
27. Cf. *ibidem*, p. 45 [28-29].
28. Cf. *ibidem*, p. 21 [7].
29. Cf. *ibidem*, p. 65 [46-47]; cf. *LI*, p. 256 [25].
30. *PC*, p. 274 [183].
31. Cf. «O problema da indução», in *OC*, vol. IV, p. 138.
32. Cf. *PC*, p. 276 [186].
33. Cf. *RE*, p. 238 [313].
34. *PFAQ*, p. 111 [115].
35. Cf. «O problema da indução», in *OC*, vol. IV, pp. 142.
36. Cf. *ibidem*, p. 143.
37. *Ibidem*, p. 167.
38. Cf. *C*, p. 17 [3]; cf. *RE*, p. 290 [383].
39. Cf. *A Filosofia de Henri Bergson*, Lisboa, INCM, 1994, p. 217.
40. Cf. *C*, p. 369 [303].
41. Cf. *ibidem*, pp. 16-17 [2-3].
42. Cf. *ADG*, p. 160 [195].
43. Cf. *C*, p. 92 [70].
44. Cf. «O mistério», in *OC*, vol. I, tomo I, 2004, p. 181.
45. Cf. *RE*, p. 285 [376].
46. Cf. *RE*, p. 291 [383]; cf. *C*, p. 17 [3].
47. Cf. *RE*, p. 291 [383].
48. Cf. *ibidem*, p. 291 [384].
49. Cf. «A luta pela imortalidade», in *OC*, vol. II, p. 36.
50. Cf. *ibidem*, p. 37.
51. Cf. *VFV*, p. 67.
52. *RE*, p. 167 [218].
53. Cf. *ibidem*, p. 25 [25].
54. *C*, p. 319 [258].

55. Cf. *RE*, p. 292 [385].
56. Cf. *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1935, p. 73.
57. Cf. *RE*, p. 294 [387].
58. Cf. *RE*, p. 296 [389].
59. Cf. «O problema da indução», in *OC*, vol. IV, p. 167.
-

RESUMOS

A filosofia do conhecimento de Leonardo Coimbra desenvolve-se sob a noção de uma relação dialéctica intuitivo-racional e lógico-poética. Toma a realidade, não de forma parcial e redutora, mas de forma integral, na relação progressiva e ascendente do pensar com o ser, através daquilo que se revela nos diferentes níveis da experiência humana: físico, bio-psicológico, científico, estético, ético, metafísico e religioso.

Um conhecimento que não se reduz ao plano cognitivo e discursivo da razão lógico-analítica, mas também abrange o plano afectivo da razão analógica e poético-mistérica. Através das experiências noético-emocionais da *Alegria*, *Dor* e *Graça*, a gnosiologia criacionista parte do conhecimento pré-categorial do ver intuitivo, para o conhecimento discursivo do ver conceptual, terminando na experiência-síntese metafísico-religiosa da *visão ginástica* em que se dá a contemplação do divino.

Leonardo Coimbra's philosophy of knowledge develops around the notion of an intuitive-rational and logical-poetic dialectical relationship. This becomes reality, not in any partial or reductive form, but in an integral form, in the progressively advancing relationship between thinking and being, through that revealed across the different levels of human experience: physical, bio-psychological, scientific, aesthetic, ethical, metaphysical and religious.

Some knowledge is not reducible to the cognitive and discursive level of logical-analytical reasoning but instead also covering the affective level of analogical reasoning and poetic-mystery. Through the noetic-emotional experiences of *Happiness*, *Pain* and *Grace*, gnosiological creationism departs from the pre-categorial knowledge of intuitively understanding to visit the discursive knowledge of perceiving conceptually, terminating in the symbolic metaphysical-religious experience of a *gymnastic vision* within the scope of which comes divine contemplation.

ÍNDICE

Palavras-chave: conhecimento categorial e pré-categorial, razão, inteligência, experiência, intuição, mistério, visão, emoção, poesia, alegria, dor, graça, infinito, Deus, excesso, presença, espírito

Keywords: categorical and pre-categorial knowledge, reason, intellect, experience, intuition, mystery, vision, emotion, poetry, happiness, pain, grace, infinite, God, excess, presence, spirit

AUTOR

SAMUEL DIMAS

CEFI – Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

Samuel Dimas nasceu em Vila Nova da Serra de Montejunto, no concelho do Cadaval, a 15 de Fevereiro de 1970. É licenciado em Teologia e doutor em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa, onde é assessor na Unidade de Coordenação da Investigação Científica da Faculdade de Ciências Humanas e investigador no Centro de Estudos de Filosofia. Tem orientado os seus interesses para a Filosofia Contemporânea, a Filosofia da Religião, a Teologia Filosófica e a Estética, tendo realizado as suas últimas investigações no âmbito da Filosofia e Cultura Ibérica. Dedicado à investigação e promoção do pensamento em língua portuguesa, é sócio do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira e, das suas obras, destacam-se *A Intuição de Deus em Fernando Pessoa – 25 poemas inéditos* (1998); *Deus, o Homem e a Simbólica do Real: Estudos sobre metafísica contemporânea* (2009); *A Metafísica da Experiência em Leonardo Coimbra: Estudo sobre a dialéctica criacionista da razão mistérica* (2012).

Samuel Dimas was born on 15th February 1970 in Vila Nova da Serra de Montejunto, in Cadaval Council. With a Degree in Theology and a Doctoral Degree from the Catholic University of Portugal, where he is now assessor to the Board of the Scientific Research Unit of the Faculty of Human Sciences and researcher at its Philosophy Study Centre. His research interests range across Contemporary Philosophy, Religious Philosophy, Philosophical Theology and Aesthetics, and he has undertaken his most recent research within the framework of Iberian Philosophy and Culture. In keeping with his commitment to promoting Portuguese thinking, he is a member of the Institute of Luso-Brazilian Philosophy with highlights among his works including: *A Intuição de Deus em Fernando Pessoa – 25 poemas inéditos* (1998); *Deus, o Homem e a Simbólica do Real: estudos sobre Metafísica Contemporânea* (2009); *A Metafísica da Experiência em Leonardo Coimbra: estudo sobre a dialéctica criacionista da razão mistérica* (2012).